SAUDADES DO BENIM:
SETE POEMAS DE EURYDICE REINERT CEND

Dennys Silva-Reis[1]

RESUMO: São apresentados nesta tradução sete poemas da escritora Eurydice Reinert Cend, autora contemporânea de língua francesa do Benim. Todos os poemas fazem parte de sua coletânea L'Afrique en poésie (2013) e mostram o sentimento de saudade, bem como a relação da poesia escrita com a tradição da literatura oral africana.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura Francófona; Literatura traduzida; Eurydice Reinert Cend, Benim; Tradição Africana

ABSTRACT: Seven poems are presented in this translation. They were written by Eurydice Reinert Cend, a contemporary French-language author of Benin. All the poems are part of her collection L'Afrique en poésie, (2013), and show the feeling of longing, as well as the relation between the written poetry and the tradition of African oral literature.

KEYWORDS: Francophone Literature; Translated Literature; Eurydice Reinert Cend; Benin; African Tradition.

[1] Doutorando em Literatura (POSLIT) e mestre em Estudos da Tradução (POSTRAD) pela Universidade de Brasília. Seus principais eixos de trabalho são: Literatura Francófona, História da Tradução e Tradução intersemiótica. Igualmente é tradutor e cronista em seu blog Historiografia da tradução no Brasil (http://historiografiadatraducaobr.blogspot.com.br). E-mail: reisdennys@gmail.com. Brasília, Brasil.

ISSN 2236-4013

Eurydice Reinert Cend[2] nasceu em 1969 em Capo-Chichi, pequena cidade do Benim. Estudou em Nova York e mora na França desde 1991. Dedica-se à escrita desde os quatorze anos e explora diversos gêneros literários: poesia, conto, novela, romance e ensaio. Também é membro das associações literárias CEPAL, ADILL (Association de Défense & d'Illustration de la Littérature en Lorraine), SOFIA (Société française des intérêts des auteurs de l'écrit), Sacem (Société des auteurs, compositeurs et éditeurs de musique) e Société des Auteurs Francophones. Em 2012 foi escolhida como membro da Fundação SNCF na luta contra o analfabetismo.

É autora de mais de 20 obras, com destaque para a poesia [*Maman, comme un doux chant* (2012); *La vie en poésie; Parfums d'éternité* (2007); *Elle, ode à l'amour et à la femme* (2007); *Les chansons d'Eurydice* (2006); *L'oeil* (2005)] e os romances *Les amazones du Knoryl: L'escapade rituelle* e *Les amazones du Knoryl: Souviens-toi*, publicado em 2014. Para esta que é a primeira publicação brasileira de seu trabalho, foram escolhidos sete poemas da coletânea *L'Afrique en poèsie* (2013).

L'Afrique en poésie é composto de 22 poemas dedicados à nostalgia do modo de vida africano, com destaque para paisagens, a mulher africana, as virtudes do povo africano, os animais e as plantas tipicamente naturais da região. A obra demonstra uma espécie de saudade do eu lírico por estar longe de sua terra natal, uma homenagem e uma celebração ao ser africano e ao estar na África.

Os poemas de Eurydice Reinert Cend são em versos livres heterométricos com muitas rimas sonoras ao final e no meio dos versos. São poemas, por vezes, muito descritivos que configuram uma imagem visual ou ambiências psicológicas e sentimentais, recursos que nos remetem à literatura oral africana. Vale a pena destacar que, nessa obra em especial, há diversas aquarelas de Marc Filior[3] que acompanham os poemas, ora como ilustração, ora como fusão da poesia imagética verbal com a visual disposta logo ao lado do poema.

Os sete poemas aqui traduzidos dão uma dimensão desta obra poética da autora. A proximidade das línguas (francês e português), no que concerne à maioria das rimas, auxiliou muito para manter a mesma sonoridade e, por vezes, oralidade da poesia. Optamos por não colocar notas nos vários atributos lexicais de referência ao contexto africano, a fim de que se atice no leitor a curiosidade pela palavra depositada em frasco poético que é cada poema aqui traduzido.

Nas palavras da poeta, que...
Os doces eflúvios de hibiscos e de casuarinas
Perfumem o ar com uma surpreendente mistura de aromas

[2] Agradeço imensamente à autora por ceder os direitos de tradução dos poemas aqui apresentados.
[3] Agradeço ao pintor por ceder as imagens dos poemas para esta publicação.

ISSN 2236-4013



Je suis un géant – Marc Fillior

ISSN 2236-4013

[1] Je suis un géant
Je suis un géant
Qui n'aime rien du néant.
J'offre à l'intelligence de l'homme
Mon charme et ma force énorme
Pour qu'il se sente, aussi, grand !

Je suis beau, je suis fort
Et, avec mes blanches défenses,
Je révèle de beaux défis avec grande prestance !
Ailleurs, sur les bords du Gange, bien des gens se pressent
Pour honorer Ganesh. La grande déesse
Aux oreilles ballantes et à la trompe puissante !

Magnifiant le charme de ma belle espèce,
Dans la plaine comme dans la brousse,
Ici, je fais trembler le sol de mes pas de géant

Et tous, à mon approche, s'écartent et avec respect se poussent
Pour me voir passer, avec grande élégance !

De temps à autre, avec belle nonchalance,
Autour d'une bonne branche bien feuillue
J'enroule ma grande trompe pour en saisir
L'aliment qui flatte tant mes sens gourmands !

Tu l'as déjà deviné, assurément,
Je suis l'éléphant, roi des grands espaces bruns
Qui m'attendent, sereinement !

Sou um gigante
Sou um gigante
Que não gosta de nada do nada.
Ofereço à inteligência do homem
Meu encanto e imensa força
Para que ele se sinta, também, grande!

Sou bonito, sou forte
E, com minhas defesas brancas,
Detecto bons desafios com grande imponência!

Lá longe, às margens do Ganges, muita gente se apinha
Para honrar Ganesha. A grande deusa
De orelhas balançantes e tromba poderosa!

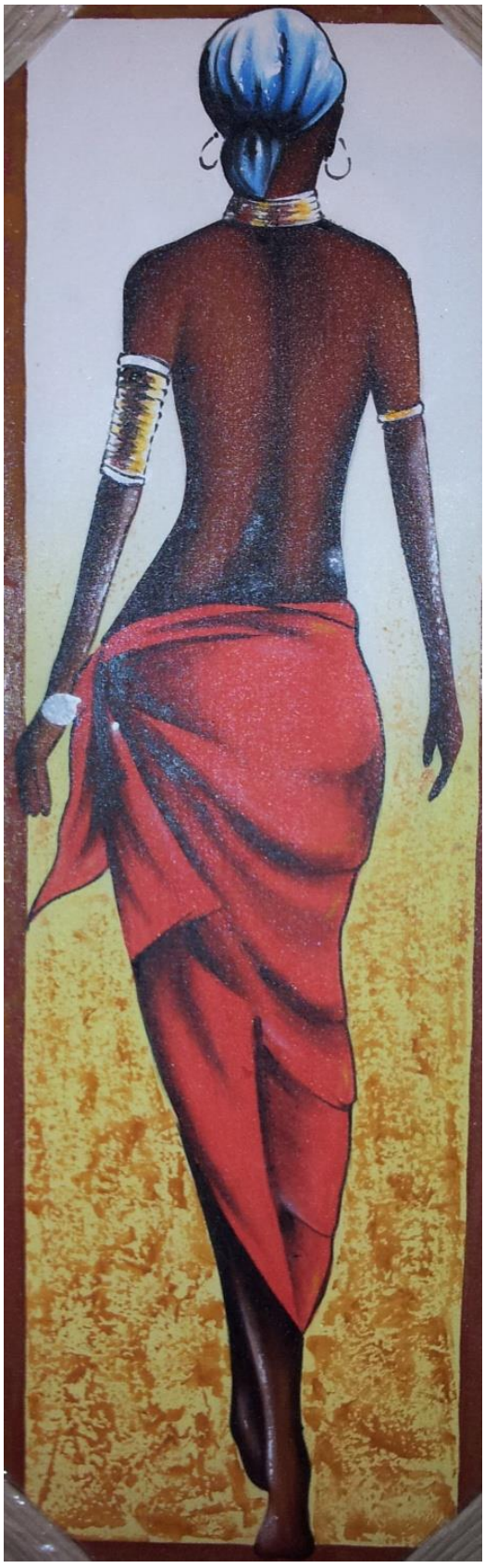
Enaltecendo o encanto de minha bela espécie,
Na planície como na mata,
Aqui, faço tremer o solo com meus passos de gigante

E todos, ao me aproximar, se afastam e com respeito empurram-se
Para me ver passar, com muito elegância!

De vez em quando, com bela preguiça
Em torno de um galho bem frondoso
Enrolo minha grande tromba para de lá pegar
O alimento que muito afaga meus sentidos gulosos!

Você já adivinhou, com certeza,
Sou o elefante, rei dos grandes espaços terrosos
Que me esperam, serenamente!

ISSN 2236-4013



Je m'en vais — Marc Filior

ISSN 2236-4013

[2] Je m'en vais
Je m'en vais,
Je m'en vais quérir en la vie ses faveurs
Mander au sort un peu de bonheur
Et réclamer au temps quelques lenteurs !

Je m'en vais,
Je m'en vais quérir auprès du marigot quelque fraîcheur,
Mander auprès des djinns du désert
Un trésor sans valeur pour le sot qui rit ou s'énerve
Selon qu'il veut ou ne veut plus d'une chose, sans plus !

Je m'ne vais,
Je m'en vais quérir un peu de tendresse
Et me perdre dans les belles tresses
De ma belle au doux regard aussi profond que la nuit,
Aussi chaud que l'ardeur qui embrase sans un bruit,
Aussi doux que le cœur du palmier qui frémit à l'étreinte de la brise !

Je m'en vais
Je m'en vais dans le murmure du temps
Me perdre dans les invisibles filets du vent
En sachant qu'aujourd'hui vaut déjà
Bien plus que l'incertain lendemain aux flous appas
Dont je suis déjà las, avant d'en saisir les contours !

Je suis là, c'est déjà ça, et la vie ne viendra pas se plaindre
Que j'étais ailleurs quand elle me voulait ici, tout simplement !

Vou-me embora
Vou-me embora,
Vou-me embora buscar na vida seus favores
Convocar para o destino um pouco de felicidade
E solicitar ao tempo algumas lentidões!

Vou-me embora
Vou-me embora buscar perto do brejo algum frescor
Convocar junto aos djinns do deserto
Um tesouro sem valor para o tolo que ri ou se irrita
Segundo o que quer ou já não quer de uma coisa, sem mais!

Vou-me embora
Vou-me embora buscar um pouco de ternura
E me perder nas belas tranças
De minha bela de doce olhar tão profundo quanto a noite,
Tão quente quanto o ardor que queima sem barulho,
Tão doce quanto o coração da palmeira que estremece no abraço da brisa!

Vou-me embora
Vou-me embora no murmúrio do tempo
Me perder nas invisíveis tramas do vento
Sabendo que hoje já vale
Bem mais que o incerto amanhã dos charmes indefinidos
Dos quais estou cansado, antes de abraçar seus contornos!

Estou aqui, e já é tudo, e a vida não virá se queixar
De que eu estava longe quando ela me queria aqui, simplesmente !

ISSN 2236-4013



Je parle au vent — Marc Filior

[3] Je parle au vent
Je parle au vent et, chemin faisant,
Je chante tes hommages et ton courage
J'embrasse tes espoirs les plus fous, tu vois,
Je les porte plus loin que ne porte la voix
Je caresse tes pensées les plus insensées
Je me noie dans tes plus beaux rêves
Et, sur le lit de tes illusions perdues,
J'érige un fabuleux vaisseau invisible
Pour les emporter dans l'espace inaccessible
Où se déploient les ondes sympathiques !

Je suis l'Afrique, depuis toujours, dans ton cœur
A l'écoute de tes secrets, à l'affût de tes regrets

Pour t'épargner de l'amertume l'imbuvable sève
Et t'offrir la douceur et la chaleur du jour qui se lève !

Falo ao vento
Falo ao vento e, ao longo do caminho,
Canto tuas homenagens e tua coragem
Beijo tuas mais loucas esperanças, vês,
Levo-as mais longe que a voz
Acaricio teus mais insanos pensamentos
Afogo-me nos teus mais belos sonhos
E, sobre a cama de tuas ilusões perdidas,
Ergo um fabuloso navio invisível
Para levá-los no espaço inacessível
Onde se desdobram as ondas simpáticas!

Sou a África, desde sempre, no teu coração

A escutar teus segredos, a espreitar tuas saudades
Para te poupar da amargura, a imbebível seiva

E te oferecer a doçura e o calor do dia que se levanta!

ISSN 2236-4013



Rencontre — Marc Filior

ISSN 2236-4013

[4] Rencontre
Dans la fraîcheur du tiède matin
La rose perlante reluit, offrant encore son doux festin
A tous, partout dans la belle et mystérieuse savane ensoleillée !

Les doux effluves d'hibiscus et de filaos
Embaument l'air d'un surprenant mélange de parfums !

Mon ami Amadou savoure aussi cet instant unique
Quand nos pas se rapprochent dans ce nouveau jour, timide !

Une franche poignée de mains scelle nos retrouvailles enjouées
Et, de salamalec en salamalec, sur tout et sur rien nous devisons, heureux !

Sur ce chemin de terre où nos routes à nouveau se croisent,
Les regards, les sourires et les exclamations fascinantes
Transportent nos joies, nos peines et nos espoirs encore rayonnants
Vers le blond désert étouffant où, souvent, se perdent nos humaines pensées !

Encontro
No frescor da tépida manhã
A rosa perolada reluz, oferecendo ainda um doce festim
A todos, por toda parte na bela e misteriosa savana ensolarada!

Os doces eflúvios de hibiscos e de casuarinas
Perfumam o ar com uma surpreendente mistura de aromas

Meu amigo Amadou saboreia também este instante único
Quando nossos passos se aproximam nesse novo dia, tímido!

Um franco aperto de mãos sela nossos reencontros divertidos
E, de salamaleque a salamaleque, sobre tudo e sobre nada conversamos, felizes!

Neste caminho de terra onde nossas rotas de novo se cruzam,
Os olhares, os sorrisos e as exclamações fascinantes
Transportam nossas alegrias, nossas penas e nossas esperanças ainda radiantes
Em direção ao louro deserto sufocante, onde, muitas vezes, se perdem nossos pensamentos humanos!

ISSN 2236-4013



Le vieil homme marche dans le vent — Marc Filior

ISSN 2236-4013

[5] Le vieil homme marche dans le vent
Le vieil homme marche dans le vent,
Le pas léger et la démarche alerte
Le bleu du turban voilant ses pensées secrètes !

Ses craintes se mêlent au souffle de l'air, souvent,
Et voguent à travers les dunes du Sahel
Vers l'océan et bien au-delà, peut-être aussi, vers Babel !
Son boubou blanc enveloppe tous ses vifs et maigres espoirs
Les mettant à l'abri des regards indiscrets dans ses plis dérisoires !

Il marche vers son improbable destin
Le vieil homme, sans plus soif ni faim,
Mais il va, sûrement, vers son incertain festin,

Embrassant déjà demain et sa prochaine fin !

La vie n'est qu'un mouvement sans fin
Dont il aura animé un cycle plus ou moins serein.
Alors, sans regret ni pleur, malgré les joies et les peines d'hier,
L'homme s'en va se perdre dans l'éternel refrain de l'univers
Et s'y fond, infiniment, telle une goutte de pluie solitaire,
Tombée dans l'immense océan, simple retour à la mer, Mère !

O velho caminha no vento
O velho caminha no vento,
O passo leve e o caminhar alerta
O azul do turbante velando seus pensamentos secretos!

Seus temores se misturam ao sopro do ar, muitas vezes,
E vagueiam através das dunas do Sahel
Em direção ao oceano e bem além, talvez também, para Babel
Seu bubu branco envolve todos as suas vivas e magras esperanças
Colocando-as ao abrigo dos olhares indiscretos nas suas dobras irrisórias

Ele caminha para seu improvável destino
O velho, sem mais sede nem fome,
Mas ele vai, certamente, rumo a seu incerto festim,
Abraçando já o amanhã e seu próximo fim!

A vida não passa de um movimento sem fim
Do qual ele terá animado um ciclo mais ou menos sereno.
Então, sem nostalgia nem choro, apesar das alegrias e penas de ontem,
O homem parte para se perder no eterno refrão do universo
E lá fundir-se, infinitamente, como uma gota de chuva solitária
Caída no imenso oceano, simples retorno ao mar, Mãe!

ISSN 2236-4013



Femme africaine — photo d'une peinture dont l'auteur n'est pas identifiable

ISSN 2236-4013

[6] Souviens-toi !
Si dans le bel élan
Que te donne la vie
Les hommes et le temps
De toi parfois rient

Souviens-toi
Que tu n'es qu'un murmure
Qui s'envole et danse
Dans la mouvance de l'existence
Avec ou sans armure !

Quand tu t'emploies
A la démesure
Et souvent ploies
Sous les injures
Des hommes et du sort
Qui, partout, t'assomment

Souviens-toi
Que tu n'es qu'un murmure
Dans la rumeur du vent
Qui t'emporte si souvent
Là où tu rases les murs
De peur de n'être plus
Qu'un triste souvenir
Dans les mémoires liquides !

Et quand gronde l'océan
Dans une violence qui t'offense
Oui, souviens-toi
Que tu n'es qu'un murmure
Survolant l'écume qui s'échoue
Et sur la plage enfin se couche
Par-dessus celle avant, sans armure,
Epousant les silencieuses dunes !

Oui, souviens-toi
Souviens-toi
Souviens-toi
Que tu n'es qu'un murmure
Qui s'envole et qui danse
Dans la mouvance de l'existence
Qui souvent t'offre une chance
Pour affiner et parfaire ta nature
Malgré toutes les offenses
Qui te trouvent sans défense !

Lembra-te!
Se no belo impulso
Que te dá a vida
Os homens e o tempo
De ti por vezes riem

Lembra-te
Que não passas de um murmúrio
Que voa e dança
No movimento da existência
Com ou sem armadura

Quanto te dedicas
À desmesura
E geralmente te curvas
Sob as injúrias
Dos homens e do destino
Que, em todo lugar, te atordoam

Lembra-te
Que não passas de um murmúrio
No rumor do vento
Que te leva muitas vezes
Lá onde raspas os muros
De medo de não ser mais
Do que uma triste lembrança
Nas memórias líquidas!

E quando brame o oceano
Numa violência que te ofende
Sim, lembra-te
Que não passas de um murmúrio
Sobrevoando a espuma que encalha
E sobre a praia enfim repousa
Por cima da anterior, sem armadura,
Desposando as silenciosas dunas!

Sim, lembra-te
Lembra-te
Lembra-te
Que não passas de um murmúrio
Que voa e que dança
No movimento da existência
Que muitas vezes te oferece uma chance
Para purificar e perfazer tua natureza
Apesar de todas as ofensas
Que te encontram sem defesa!

ISSN 2236-4013

Oui, souviens-toi	Sim, lembra-te
Que telle une feuille détachée de sa branche	Que assim como uma folha desprendida de seu ramo
Souvent charriée ou ballotée en tous sens	Geralmente carregada ou sacudida em todos os sentidos
Dans les tumultueux cours de l'existence	Nos tumultuosos cursos da existência
Tu n'es qu'un murmure	Não passas de um murmúrio
Qui s'affole, puis s'envole et danse	Que se assusta, voa e dança
Dans la belle mouvance de la prime essence,	No belo movimento da prima essência,
Reine ou roi dans la démence,	Rainha ou rei na demência,
Implorant la douce Clémence,	Implorando a doce Clemência
Ou saisissant ses véritables chances !	Ou agarrando suas verdadeiras chances!
Chuuuuuuuuuuuuuuut…,	Psssssssssssssss...,
Dans le silence du jour qui déjà fuit	No silêncio do dia que já se vai
Comme dans le murmure de la nuit qui,	Como no murmúrio da noite que,
Inévitablement, le suit	Inevitavelmente, o segue
Oui, souviens-toi de tout, souviens-toi de toi et sois toujours toi !	Sim, lembra-te de tudo, lembra-te de ti e sê sempre tu!

ISSN 2236-4013



Photo sans titre — Eurydice Reinert Cend

[7] Ma belle terre
Ma belle terre
Pavée de belles vérités
Que foulent les esprits insensés,
Alertes, au pas cadencé,
Parlant bien souvent
Pour ne rien dire
Criant à tous vents
Pour mieux médire
De ceux qu'ils avilissent matin et soir
Pour que l'injustice puisse mieux s'asseoir
Où donc est passée ton authenticité ?
Je voudrais tes artères
Non pas rouge de la colère
De tous ceux contre qui l'on te dresse
Mais lumineuse de la belle ardeur
De ceux qui, en toi, se redressent
Et chantent ici et là ta valeur,
Toi qui les entoure d'une saine chaleur
Et les nourrit d'une ample et vivre ferveur !
Sois belle ! sois noble et soit toujours juste
Et tu seras dite fille de majesté auguste !

Minha bela terra
Minha bela terra
Recoberta de belas verdades,
Que os espíritos insensatos pisoteiam,
Alertas, com passo cadenciado,
Falando quase sempre
Para nada dizer
Gritando a todos os ventos
Para melhor maldizer
Daqueles que eles corrompem manhã e noite
Para que a injustiça possa melhor se assentar
Para onde foi tua autenticidade?
Eu queria tuas artérias
Não vermelha da cólera
De todos esses contra quem te erguem
Mas luminosa do belo ardor
De todos que, em ti, se reerguem
E cantam aqui e lá teu valor,
Tu que os envolves de um sadio calor
E os alimentas de um amplo e vivo fervor
Sê bela! Sê nobre e sê sempre justa
E te dirão filha da majestade augusta !

ISSN 2236-4013

BIBLIOGRAFIA

CEND, Eurydice Reinert. **L'Afrique en poésie.** Serrouville, Frace: Eryuniverse éditions, 2013.

ISSN 2236-4013